

RESENHA

BRONCKART, Jean-Paul; BOTA, Cristian. **Bakhtin desmascarado**. História de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

O lugar e os sentidos do sensacionalismo na ciência

DANIELA JAKUBASZKO*



Importante crítico do pensamento linguístico do século XX, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (Orel, 1895-Moscou, 1975) teve uma vida pessoal e profissional conturbada, alternando períodos de intensa produção acadêmica com falta de trabalho e problemas financeiros, além de um permanente estado de saúde precário. Formado pela Universidade de São Petersburgo em História e Filologia aos 23 anos, preocupava-se principalmente com a literatura e os estudos de linguagem. De família aristocrática, ainda que falida, sofreu severa vigilância do regime comunista. Foi preso e exilado, teve sua tese sobre Rabelais rejeitada. Defendida em 1946, somente obteve aprovação em 1951, e ainda assim com o título de “candidato” e não o de “doutor”, indicando que a publicação de seu trabalho não era desejável. Apesar das dificuldades de saúde, financeiras e profissionais, Bakhtin chegou à velhice e ao reconhecimento dos pares. Entretanto, há um mistério que ronda a obra do pensador: no fim da vida insinuou ter escrito textos de dois de seus colegas e amigos, já falecidos, Volóshinov e Medvedev. Fato confirmado por algumas testemunhas. Arrependido de ter tocado no assunto, calou-se. Mesmo assim, já era bastante

conhecido no ocidente e foi impossível conter a polêmica: a quem atribuir e sob qual nome publicar e citar os textos de Volóshinov e Medvedev mencionados por Bakhtin? Existia uma influência deste último sobre o pensamento dos primeiros? O contexto político sombrio de sua época teria sido um fator determinante para que escrevesse por outros ou se recusasse a assinar algumas ideias? O que teria acontecido de fato?

Se existem dúvidas quanto à autoria de algumas obras, o fato acarreta algumas consequências para pesquisadores e editores. Atualmente, as edições trazem o nome de Bakhtin e Volóshinov ou Medvedev. A solução encontrada para que as teorias continuem a ser desenvolvidas sem que se cometa injustiça com quaisquer de seus autores, foi convencionar tratar os “textos disputados” como realizados em co-autoria, bem como atribuir os conceitos presentes nos três autores a um só grupo: o “Círculo de Bakhtin”, assim nomeado por ser ele o mais influente no grupo.

Questionando este consenso, Bronckart e Bota tomam o mistério como ponto de partida para uma investigação cujos propósitos são questionar a importância e o trabalho de Bakhtin e restituir a

Volóshinov a paternidade dos textos disputados. Como o título informa, eles querem desmascarar uma farsa, um “delírio coletivo”. Bakhtin seria um “impostor”, um “mentiroso”, um “sem caráter”. Para tanto, fizeram uma revisão detalhada dos biógrafos entusiastas de Bakhtin, principalmente de Clark e Holquist, Ivanov e Todorov, autores consagrados na área. Mas não é preciso conhecer a fundo a trajetória dos autores envolvidos para se perguntar quais sentidos que se produzem quando pesquisadores de outra época e país resgatam a problemática dos “textos disputados” do chamado Círculo de Bakhtin, numa pesquisa que mistura investigação acadêmica, análise de discurso e linguagem sensacionalista, confrontando, desde o título, os consensos formados sobre a teoria bakhtiniana. A quem interessa a desmoralização de Bakhtin? A quais interesses serviriam a fragmentação de um “círculo” que continua produzindo ressonâncias? Por que os autores resistem à ideia de um círculo, prática muito comum na época? Por que Bakhtin não poderia ter sido o mais influente? Por que autores renomados e de prestígio internacional veem necessidade de destruir uma reputação? E não apenas realizar um ataque aberto, mas fazer isso sem trazer novos dados significativos sobre o assunto. O recurso mais utilizado é a montagem de textos e entrevistas de outros autores, na tentativa de flagrar contradições nos discursos analisados. A argumentação perde poder persuasivo quando se apoia na construção de ironias e permite a vasta utilização de adjetivos.

(...) nenhum dos especialistas do bakhtinismo se questionou sobre as verdadeiras razões pelas quais Bakhtin, ao final dos anos 60, tentou usurpar a paternidade das obras dos seus “amigos”, com os

quais “colaborara” tão estreitamente e dos quais fizera tantos “empréstimos”. (p.350) (...) E como um mentiroso, mesmo tão experimentado quanto Bakhtin, constrói quase necessariamente suas mentiras com pinceladas de verdade (p.235).

E quais seriam as verdadeiras razões desta tentativa de recontar a biografia de Bakhtin, desmoralizando-o abertamente? Será que a atitude destes autores pode nos ajudar a refletir sobre algumas práticas atuais de disputa de poder e manutenção de *status quo* no campo científico? Será que está em jogo uma disputa por “territórios acadêmicos”, pela desvalorização do capital científico das linhas concorrentes à dos autores? Afinal, sabemos que

A estrutura do campo científico se define, a cada momento, pelo estado das relações de força entre os protagonistas em luta, agentes ou instituições, isto é, pela estrutura da distribuição do capital específico, resultado das lutas anteriores que se encontra objetivado nas instituições e nas disposições que comanda as estratégias e as chances objetivas dos diferentes agentes ou instituições. (BOURDIEU, 1983: 133)

É apenas na página 350, das 507, que começam a fazer uma síntese da obra de Volóshinov, buscando comprovar a existência de uma coerência em sua progressão e resgatar a exclusiva paternidade de seus textos.

Parece justo que se restitua a estes dois pesquisadores a paternidade de suas obras. Parece verossímil que se questione o modo de funcionamento do Círculo e a proeminência da influência de Bakhtin. Não há nenhum problema em se reformular consensos. Entretanto, causa estranhamento a forma eleita

pelos autores para cumprir com este propósito, desenhando um Bakhtin frágil, de caráter duvidoso, de pensamento fragmentário e plagiador, além de usurpador. Também é estranha a exigência de uma coerência teórica da obra de Bakhtin, que nem ele próprio parecia estar interessado em atingir. Também argumentam sobre contradições entre as ideias e conceitos de suas obras com as que seriam de Volóshinov e Medvedev. Afirmam em diversas passagens que Bakhtin “como ele mesmo declarou e como ficou demonstrado pelo conjunto dos seus próprios escritos, jamais aderiu ao marxismo” (p.188). Mas isso não o impediria de escrever como se o fosse, ou dialogasse com ele, a menos que não entendesse o que é o marxismo. Ora, se Bakhtin não escrevia para assinar seu nome, porque haveria de se preocupar com a coerência teórica em relação aos conceitos que utilizava nos textos que assinava? E se realmente Bakhtin não tivesse interesse em vincular seu nome a estas teorias? E se Bakhtin escrevesse para Medvedev, sempre muito ocupado com cargos importantes, em troca da ajuda financeira que este lhe prestou nos momentos de maior dificuldade? E se estivessem de comum acordo? Consta que Medvedev “ajudou Bakhtin a encontrar um número impressionante de empregos temporários” (p.30). Os autores registram a partir de Clark e Holquist que, em certo período,

Bakhtin foi obrigado, para sobreviver, a aceitar bicos múltiplos: ele fez conferências em livrarias, desempenhou funções editoriais e redigiu pareceres para a editora dirigida por Medvedev, foi consultor do Escritório Industrial de Leningrado e ministrou vários cursos a grupos não oficiais em residências privadas. (p. 33)

Essas são apenas algumas questões e possibilidades, acredito eu, bastante pertinentes e verossímeis, que não são exploradas. E os autores não se cansam de ressaltar os “fracassos de todas as tentativas de unificação do pensamento bakhtiniano” (p.195).

Quem conhece as obras do círculo de Bakhtin identifica claramente coerências e recorrências entre elas. Claro, no decorrer de décadas e no diálogo com o campo científico, os conceitos não podem permanecer estáticos, sobretudo com a visão que Bakhtin propunha da linguagem, da língua e da ciência. Um grupo que pensava uma língua viva e atuava sob um governo que tinha um projeto kafkiano que buscava impor uma unidade da língua, o Grande Russo, no período Stalin, defendido por importantes e renomados estudiosos, usaria muitos e criativos recursos para sobreviver. Segundo estudiosos do assunto (BRAIT, 2009 e EMERSON, 2003), o Círculo Bakhtin-Volóshinov-Medvedev teve diversos participantes, passou por diversos lugares e enfrentou os difíceis tempos e regimes autoritários da antiga União Soviética, nas “Rússias” de 1920 a 1970. A formação de Círculos é comum ao período pós-revolução; eles são parte de um coletivo orgânico com o objetivo de mudar as condições culturais do povo, interessados em “contribuir para a construção de uma sociedade mais emancipada, liberta de desigualdades sociais e alicerçada em bases marxistas da ciência”. (ZANDWAIS, 2009: 100).

A concepção de linguagem e comunicação, bem como as críticas que fazia aos teóricos do regime stalinista e às duas correntes linguísticas mais importantes da época – estruturalismo e estilística - demoraram algum tempo para ecoar. Somente nas décadas de 70

e 80 as obras de Bakhtin foram divulgadas no ocidente. Hoje, quase um século depois, não apenas no Brasil, mas nos Estados Unidos, França, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Itália, entre outros, “trazem Bakhtin e o Círculo para as suas línguas, para a reflexão dentro das ciências humanas e para um debate que não cessa de ter continuidade” (BRAIT, 2009: 26). Continuamos a reproduzir “círculos”, como que repercutindo o movimento circular de uma pequena pedra atirada ao lago. É importante perceber o que no pensamento bakhtiniano ultrapassa o seu momento histórico imediato e descobrir porque uma teoria do início do século passado, de uma cultura tão distante e diferente da nossa, continua válida para a nossa cultura em pleno século XXI.

A meu ver, não há porque ficcionalizar a história do Círculo. Os embates são mais produtivos para a ciência e para a sociedade como um todo quando feitos por meio das ideias, não das reputações, sobretudo quando não é possível

investigar e recolher provas devidamente. O sensacionalismo não merece ser uma estratégia válida nas disputas pelo capital científico. Por que forjar uma realidade sem lacunas, mistérios, incoerências e contradições? Ao que parece, a questão está menos no passado e mais no presente.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.) e FERNANDES, Florestan (coord.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, pp.122-155.

BRAIT, Beth (org.). (2009). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

EMERSON, Caryl (2003). **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

ZANDWAIS, Ana (2009). Bakhtin/Volóshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em 2013-12-20
Publicado em 2014-01-01



* **DANIELA JAKUBASZKO** é professora da Escola de Comunicação da USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul). Bacharel em linguística, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, estuda a telenovela brasileira desde 1998 a partir de um diálogo entre os estudos da linguagem, comunicação e antropologia. Os principais conceitos da teoria bakhtiniana estão nos fundamentos de todas as suas pesquisas e planos de ensino.